

MEMÓRIAS DA SAÚDE CARIOCA

EPISÓDIO 2: CMS MANOEL JOSÉ FERREIRA - CATETE

Por Daniel Sampaio / SMS



Fachada frontal do CMS Manoel José Ferreira - Catete - Foto: Daniel Sampaio / SMS

Quem mora nos bairros do Catete, Flamengo, Laranjeiras e adjacências sabe bem aonde ir quando precisa de atenção médica. O Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira, instalado na antiga casa de número 161 na Rua Silveira Martins, é uma referência para a região no que se refere à atenção básica e especializada, já há algumas décadas.

Vamos explorar a história da antiga casa que ficava nesse terreno, mesmo antes dela ser uma unidade de saúde. E, nesses antecedentes históricos, vamos aproveitar para entender melhor o Catete, bairro de passado colonial, imperial e republicano, e também a própria Rua Silveira Martins, antes chamada de "Rua Bella do Príncipe".

ORIGENS DO BAIRRO DO CATETE



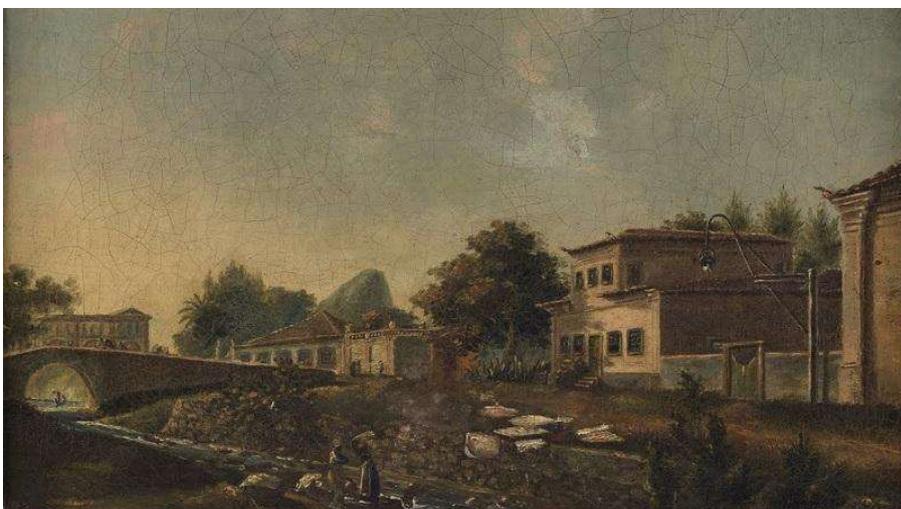
Tamoios enfrentando Temiminós, aliados dos portugueses, em batalha na Baía de Guanabara.

"Batalha entre indígenas", gravura de Theodoro de Bry (1557) - Reprodução do livro *Duas Viagens ao Brasil* de Hans Staden

A palavra Catete significa “mata imensa” ou “mato fechado” em tupi, pela junção de *ka'a* (mata) e *eté-eté* (imenso). Esse topônimo ancestral tupinambá fazia referência ao rio do Catete, um ramal “norte” do Rio Carioca que desembocava na região do Outeiro da Glória.

Foi esse rio que nomeou, após a colonização portuguesa, o Caminho do Catete, estrada indígena que se tornou depois a Estrada do Catete. O bairro, que foi uma das ocupações mais antigas fora do Centro da cidade, ganhou então o mesmo nome.

A região era ocupada pelos tamoios da aldeia Uruçumirim (“uruçu” significa abelha e “mirim” quer dizer pequeno), chefiada por Biraçu Merin. Algumas das batalhas entre portugueses e franceses, aliados aos temiminós e tamoios respectivamente, aconteceram onde hoje passa a Rua do Catete, principal artéria atual do bairro.



Ponte de Antônio Salema - século XIX - autor desconhecido

Durante o século XVI, Antônio Salema, português descendente de mouros e governador da capitania, mandou construir uma ponte sobre o Rio Carioca onde hoje está a Praça José de Alencar. Essa passagem servia para facilitar a conexão entre o núcleo da colonização (no Morro do Castelo e arredores) e o engenho de açúcar d'El Rei, que ficava na atual Lagoa Rodrigo de Freitas. Essa ponte foi a primeira a possuir cobrança de pedágio no Brasil e existiu até 1866.

Nos idos de 1700, chácaras e olarias começaram a aparecer por lá, devido à fartura de água dos rios e pela qualidade da terra. Com a construção do aqueduto da Carioca, no século XVIII, a vazão do rio Carioca foi profundamente afetada. O seu braço “norte”, que era justamente o Catete, foi perdendo força até ser extinto e aterrado.

O CATETE OITOCENTISTA



Casa de H. Chamberlain no Catete, c.1820 - pintura de H. Chamberlain (ING) - Pinacoteca do Estado de SP

Na época da chegada da família real portuguesa, a estrada do Catete (que deu nome à rua homônima) era larga, e por um e outro lado poucas casas tinham à frente dela, “sendo quase toda bordada de cercas das chácaras, que ocupam o terreno” e “sobre os outeiros até a praia de Botafogo, (...) se veem muitas e boas casas de campo” — dizia o Padre Perereca ao regente D. João VI.

Essa descrição foi feita no contexto de grande interesse pela região na época da transmigração da Corte. Havia uma enorme carência de residências após a chegada da corte e, assim, muitos nobres e ricos comerciantes mudaram-se para o Catete, tão salubre e tão próximo da região central. Logo, a partir de 1808, muitas das chácaras da região trocaram de dono e muitos lotes foram desmembrados, para se tornar imóveis.

A expansão imobiliária na região levou à abertura de duas ruas, chamadas Rua Bella do Príncipe e Rua Bella da Princesa, atuais Silveira Martins e Corrêa Dutra. Foram batizadas em homenagem a D. João VI, ainda príncipe-regente, e a sua esposa Carlota Joaquina.

NA RUA “BELLA” DA ESCRAVIDÃO?



'Uma senhora de algumas posses em sua casa': obra de Jean-Baptiste Debret, de 1823, mostra uma situação que pode soar familiar

À medida que o Catete crescia, seja em número de chácaras e olarias, seja na quantidade de imóveis residenciais e comerciais de médio e alto padrão, mais evidente ficava em sua presença nos jornais da época a presença da população escravizada. Não é novidade: em anúncios de classificados da Imprensa brasileira no século XIX, seres humanos eram cruelmente objetificados.

Em 1837, em um anúncio do Diário do Rio de Janeiro, vendia-se dois “moleques de idade 16 a 18 anos, com ofício de charuteiro, serventes de obras, e inteligentes; na rua Bella do Príncipe da Gloria n. 19”. Em 1841, foi anunciada no Jornal do Commercio uma fuga: “FUGIO, da rua Bella do Príncipe, n. 11, em 21 do corrente, huma negrinha de 12 anos, magra, por nome Rita, de nação Rebolla, indo vestida de branco”.

5. Vendem-se dois moleques de idade de 16 a 18 anos, com officio de charuteiro, serventes de obras, e inteligentes; na rua Bella do Príncipe da Gloria n. 19.

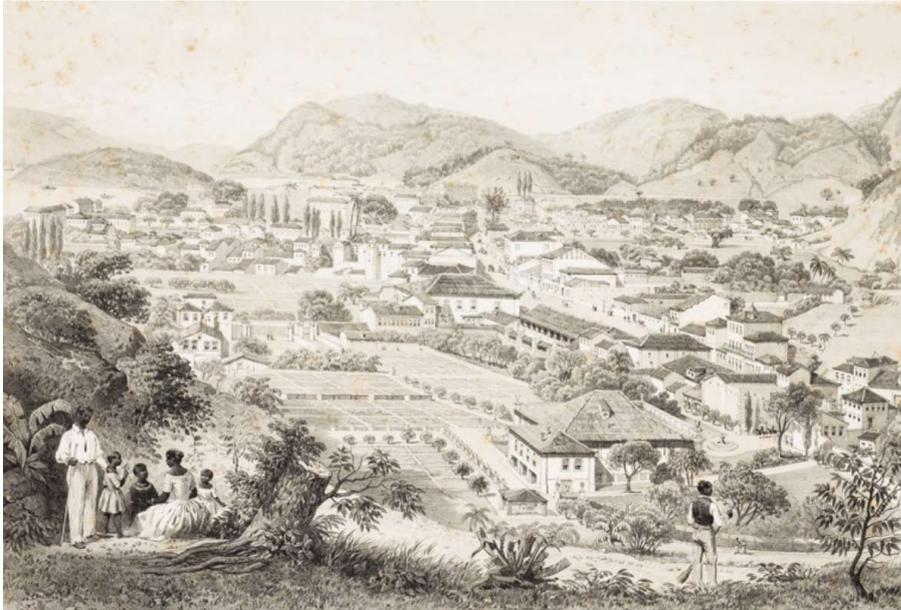
Anúncio nos classificados - Diário do Rio de Janeiro - 1837 / Hemeroteca digital - BN

— FUGIO, da rua Bella do Príncipe n. 11, em 21 do corrente, huma negrinha de 12 anos, magra, por nome Rita, de nação Rebolla, indo vestida de branco.

Anúncio nos classificados - Jornal do Commercio - 1841 / Hemeroteca digital - BN

Nenhum desses endereços existe mais. Esses imóveis foram demolidos, provavelmente para dar lugar a uma enorme propriedade aristocrática, sobre a qual falaremos adiante.

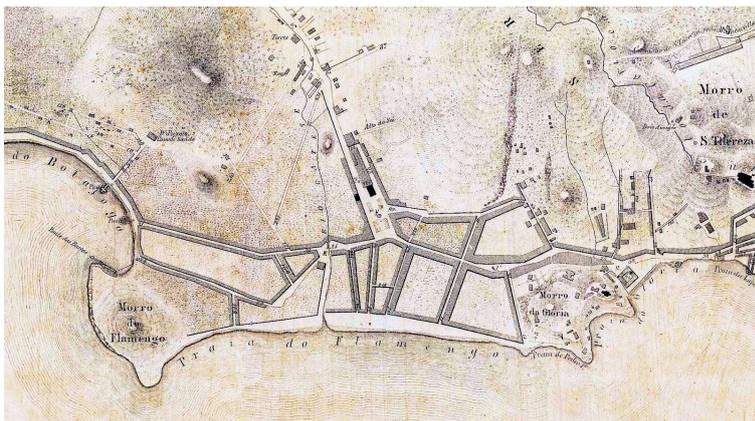
Em meados, do século XIX, os problemas sanitários do Centro da Corte (uma cidade sem sistema de esgoto), já alcançavam o até então pacato e rural Catete. Havia problemas sérios de urbanização, higiene e infraestrutura na Rua do Catete, mais especificamente na altura da Rua Bella do Príncipe (atual Rua Silveira Martins), que ia da Praia do Flamengo até a Rua da Pedreira da Candelária (atual Rua Bento Lisboa).



Bairro do Catete visto da Chácara do Barão de Mauá, 1854 - autor e acervo desconhecidos

Ao longo dos anos, a Rua Bella da Princesa (atual Rua Corrêa Dutra) foi ocupada por grandes imóveis pertencentes a ricos capitalistas e, conseqüentemente, foi obtendo junto à Câmara Municipal — ou à Freguesia da Glória — mais recursos, públicos ou privados — era comum na época que os fiscais de freguesias agenciassem a subscrição de valores entre os moradores para que coadjuvassem no custeio.proprietários de imóveis de um logradouro ou vizinhança fizessem um rateio para custear obras em calçadas, por exemplo. **Essa subscrição pública aconteceu em 26/8/1845, quando o Fiscal da Freguesia da Glória, sr. Manoel Joaquim Ferreira Simões, solicitou ajuda aos moradores para realizar calçamento da Rua Bella do Príncipe, e outras obras.**





Planta da Cidade do Rio de Janeiro (na segunda imagem, uma ampliação na região do Catete
Organizada no Archivo Militar pelos Officiaes de Exercicio - 1858 / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Parece ter dado certo, pois, já em dezembro o fiscal prestou contas de obras de calçamento, remoção de pedras, aterro de pântanos e manutenção de vala (que traziam pestes e doenças), entre outros melhoramentos. O caminho parecia estar livre para que fossem atraídos para a Rua Bella do Príncipe, investimentos imobiliários comparáveis aos da Rua Bella da Princesa, já consolidados. O investimento em urbanização e infraestrutura deu certo e grandes propriedades foram construídas na Rua Bella do Príncipe e arredores.

Entre as mansões ali construídas, encontrava-se a do desembargador Manoel Jesus de Valdetaro, em uma parte da Estrada do Catete onde a rua se alargava. Ficou conhecido como Largo do Valdetaro e, por lá, em 1846, surgiu a sociedade recreativa e dançante Cassino Fluminense, frequentada pelo casal imperial, ainda jovem. Era Casa do Baile do Catete, anos antes. Algo que, com o cassino, viria a tornar-se ainda mais profissional.

A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA PARA AS ELITES DO CATETE



Educandários para moças eram muito comuns em imóveis do Catete. Essas instituições eram geralmente comandadas por madames estrangeiras (sobretudo francesas, inglesas ou americanas) eram geralmente o único recurso educacional para jovens moças no Brasil oitocentista, que vivia um Segundo Reinado inspirado pela rígida moral Vitoriana. Para rapazes, surgiu também o Atheneu São Luiz, ao lado do atual CMS.

Em 6 de agosto de 1849, um anúncio no Jornal do Commercio promove o “Collegio de Mme. Viúva Reiners de Lacourt” na Rua Bella do Príncipe. O texto segue dizendo: “continua-se a ensinar neste estabelecimento a lingua nacional, francez, inglez, arithmetica, geographia, historia, costura e toda especie de trabalhos de agulha. A mensalidade das pensionistas é de 24\$; musica, danza e desenho á parte. Os Illms. Srs. pais de familias que honrarem á directora com sua confiança acharão todas as garantias para o bem estar e completo educação de suas filhas.



Hotel Novo Mundo na década de 1950 - Foto: reprodução do site de Lu Lacerda

Das muitas construções feitas durante a primeira ocupação da Rua Bella do Príncipe todas desapareceram, restando como testemunho apenas os dois leões colocados na entrada do Hotel Novo Mundo, na esquina da Praia do Flamengo.

Eram originalmente quatro, que adornavam os dois portões do Colégio de Meninas da Baronesa de Geslin, situado no antigo número 25. O colégio ficava originalmente no Largo dos Leões, no Humaitá, e foi posteriormente transferido para o novo prédio da Rua Bella do Príncipe. Apenas uma das estátuas é original do século XIX, assinada pelo artista francês Henri Alfred Jacquemart. A outra, idêntica, foi encomendada pela direção do hotel um ano depois para fazer companhia ao “irmão”.

UM COLOSSO IMPERIAL E REPUBLICANO



Fachada do Palácio do Catete, 1890c., Marc Ferrez - Instituto Moreira Salles

Na década de 1860 muita coisa mudou. Enormes e suntuosos palacetes foram construídos naqueles lados do Catete. No antigo Largo do Valdetaro, na esquina com a Rua Bella do Príncipe, um casal aristocrático decide construir seu grande colosso fora do ambiente rural que tanto desejavam escapar.

Em estilo neoclássico, a residência do Barão de Nova Friburgo e de sua esposa, grandes comerciantes de café, tornou-se o grande marco arquitetônico da região.



Interior do Palácio do Catete, 1890c., Marc Ferrez - Instituto Moreira Salles

Após o fim da Monarquia, é vendido para um fundo que vai à falência por estar devendo ao governo republicano. A partir de 1897, passa a abrigar a sede e residência presidencial: o Palácio do Catete, até a transferência da capital para Brasília em 1960.

SILVEIRA MARTINS: PRÍNCIPE REPUBLICANO E REVOLUCIONÁRIO



Comandantes da Revolução Federalista Riograndense de 1893 - foto: Gumercindo Saraiva

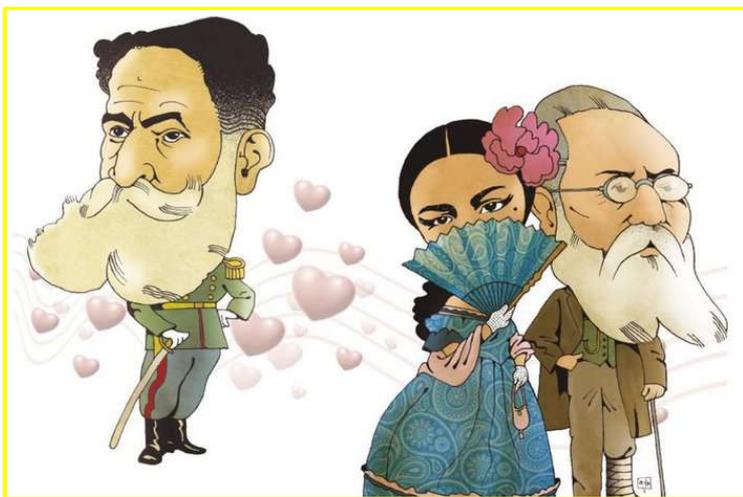
Em ata da 29ª sessão de 12 de julho de 1883, a Câmara Municipal propôs que a então Rua Bella do Príncipe, no Catete, passasse a ser denominada Rua Silveira Martins (inclusive no seu prolongamento até a Rua da Pedreira da Candelária, atual Rua Bento Lisboa).

Na época, era Senador Imperial pela Província do Rio Grande do Sul desde 1880. De 1878 a 1879, foi, por um breve período, Ministro da Fazenda do Gabinete Sinimbu.

O Gabinete Sinimbu foi o ministério formado pelo Partido Liberal em 5 de janeiro de 1878 e dissolvido em 28 de março de 1880. Foi chefiado por João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, sendo o 23º gabinete do Império do Brasil, durando 2 anos e 83 dias.

Em 1879, Silveira Martins demitiu-se, poucos meses após assumir o Ministério da Fazenda, por não aceitar um projeto do governo de tornar inelegíveis os cidadãos não-católicos. Quem assume é o próprio Sinimbu, que acumulou as funções de Presidente do Conselho de Ministros e de Ministro da Fazenda.

Silveira Martins foi banido após a proclamação da República, tornando-se chefe civil na revolta antiflorianista de 1893. Mas o que se comenta por aí é que Silveira Martins estava cotado para ser Presidente do Conselho de Ministros após a deposição do Visconde de Ouro Preto. Teria Deodoro abolido a Monarquia para não ver seu desafeto Silveira Martins no poder? Teriam ele disputado a mesma mulher e Deodoro levado a pior? A senhora em questão era a Baronesa do Triunfo, uma viúva gaúcha que, dizem as línguas jocosas, foi a madrinha involuntária e anônima do golpe republicano de 15 de novembro de 1889.



Baronesa do Triunfo teria contribuído de forma involuntária para a queda da monarquia - Edu / Agencia RBS

A FAMÍLIA ALVES RIBEIRO

Em registros encontrados na Imprensa local a partir de 1909, entende-se que, no número 161, viveu a ilustre família Alves Ribeiro, representada por seu patriarca, o Sr. Manoel Alves Ribeiro. Era comerciante e negociante, visto como cavalheiro, pois gozava da maior consideração e estima, não só no comércio como em todas as camadas sociais.

Segundo seu obituário de 12/8/1921, o sr. Manoel era honesto, mas também era dotado de outras qualidades que o tornavam bem-quisto por tanta gente. Prestava serviço para várias irmandades religiosas, de onde exercia caridade.

Em acréscimo, o sr. Manoel Alves Ribeiro era um dos mais antigos sócios do Clube dos Fenianos (uma das grandes sociedades carnavalescas cariocas). De tantas vezes que foi eleito presidente, havia-se tornado presidente honorário e distinto e grande benemérito.

A partir de meados da década de 1920, a família Alves Ribeiro “sai de cena” e, no imóvel, passou a funcionar uma pensão de alto padrão: A “Pensão Olinda”, comandada pela D. Etelvina de Souza, que oferecia o aluguel de uma “casa esplêndida, dentro de um jardim arborizado, a casal de tratamento, optimas salas (apartamento), ricamente mobiliadas e com pensão de primeira ordem”. Encontramos na hemeroteca digital muitos anúncios para contratação de copeiros, lavadeiras, entre outros cargos de atividades domésticas, o que pode talvez atestar o serviço de primeira anunciado.

Um incidente abalou a Pensão Olinda, em janeiro de 1933 — um incêndio tomou conta do imóvel, devido a um curto-circuito. Os bombeiros apareceram mas não passou de um susto,

Fogo numa pensão

Felizmente não teve o sinistro importancia

As famílias moradoras na pensão de D. Etelvina de Souza, á rua Silveira Martins n. 161, passaram, esta madrugada, cerca de 3 1/2 horas, por grande susto.

E' que, devido a um curto circuito, manifestou-se ali principio de incendio, ficando queimadas parte da cumieira e do assoalho de um quarto desocupado, onde se achavam dois colchões.

Compareceu promptamente o pessoal dos bombeiros da estação do Catete, sob o commando do tenente Mello, o qual, dirigido pelo capitão Emygdio, evitou tomasse o sinistro proporções.

Assim, pois, não passou de grande susto, soffrido pelos hospedes, tendo a dona da pensão pequeno prejuizo. Tomou conhecimento do facto o commissario João Napoli, de dia ao 6º districto.

DE QUEM ERA AFINAL A CASA DA SILVEIRA MARTINS 161?

No periódico “O Jornal” de 22 de dezembro de 1939, a viúva do Conde Modesto Leal, a Sra. Áurea Leal da Rocha Miranda, inventariante do espólio de seu falecido esposo, declara a relação de bens deixados pelo Conde. Eram mais de 45 páginas, constando, inclusive, 200 imóveis apenas no Distrito Federal. Um deles era, coincidentemente, a casa que ficava no número 161 da Rua Silveira Martins (entre outros na mesma rua).

Os bens immoveis deixados pelo Conde Modesto Leal

A DECLARAÇÃO FOI FEITA PELA SRA. AUREA LEAL DA ROCHA MIRANDA, INVENTARIANTE DO ESPOLIO

Credor de 1.500 contos da Great Western — Um milhão e quinhentos mil metros em terrenos na capital paulista

No cartorio da 2ª Vara de Orphãos, a sra. Aurea Leal da Rocha Miranda deu entrada a uma petição, acompanhada de uma relação dos bens immoveis deixados pelo seu pae, conde Modesto Leal, recentemente fallecido nesta capital.

O documento, que consta de 45 paginas dactylographadas, é assignado por aquella senhora, filha e inventariante do extincto, e discrimina todas as suas propriedades em predios e terrenos.

Sómente no Rio, o conde Modesto Leal deixou quasi 200 predios localizados nos bairros mais centras da cidade.

ENGENHO VELHO DA CRUZ, DO RIACHO E DE SÃO LUIZ: Terras em Santa Anna, situada á margem direita da E. F. C. B. na estação de Santa Anna e Terras de Cambury, no municipio de Maricá.

EM S. PAULO

Terrenos em Ypiranga, medindo um milhão e quinhentos mil metros quadrados.

Estes terrenos, num dos bairros mais importantes da capital banderante, representar uma respeitavel fortuna.

DIREITOS CREDITORIOS CONTRA A GREAT WESTERN NO VALOR DE 1.500 CONTOS

Em petição apresentada á inventa-

O 2º curador de Orphãos e Aurgentes não impugnou o pedido da inventariante no sentido de ser expedido um alvará com o fim de receber a importância de 849:813\$200, que se acha depositada á disposição do espolio. O dinheiro será levantado e depositado na Caixa Economica em nome do espolio e á disposição do Juizo.

Na declaração de bens não foi computada sua fortuna em moeda corrente e outros valores.

Mandou archivar o processo

A "BOMBA DE CREME" QUE ABALOU O CATETE

Em agosto de 1946, dois estudantes secundaristas do Colégio Frederico Ribeiro foram à Confeitaria Vitória (que ficava na Rua do Catete, 203) e compraram bombas de creme. Em seguida, ambos passaram mal, mas um deles, Kleton Pimentel Machado, de 17 anos, veio a falecer em sua residência.



Capa do jornal "Diário Carioca" - 28 de agosto de 1946 - Hemeroteca Digital / Fundação Biblioteca Nacional

Ele morava no número 161, com seu pai, o funcionário da Caixa de Amortização (atual BACEN), Sr. Luiz de Menezes Machado, não sabemos se sua família morava no imóvel sozinha ou se ainda existia a Pensão Olinda (lembramos do incêndio de 1933 e uma súbita interrupção nos anúncios de classificados).

A Confeitaria Vitória havia usado ingredientes adulterados e estragados. Após o enterro de Kleton, os estudantes foram interpelar o dono, que os tratou com grosseria. Protestos violentos nos dias seguintes resultaram na completa destruição da confeitaria.



O 3º DISTRITO SANITÁRIO

Em novembro de 1944, é dado o primeiro passo em direção à transformação do número 161 da Rua Silveira Martins numa referência para a saúde pública no bairro do Catete e na cidade. Ali seria construída a sede do 3º Distrito Sanitário da Secretaria Geral de Saúde e Assistência do então Distrito Federal. O Prefeito [Henrique Dodsworth](#), em decreto de 7/11/1944, resolveu desapropriar o imóvel, por utilidade pública (conforme publicado no Diário de Notícias).

Como vimos anteriormente, ainda havia moradores por lá até pelo menos 1946, quando do incidente da morte do estudante Kelson Machado, por envenenamento causado por doce oriundo da Confeitaria Vitória. Ele fora declarado pela Imprensa como morador daquela casa (além de seu pai, o sr. Luiz Menezes de Machado, funcionário da Caixa de Amortização — atual Banco Central do Brasil).

Não encontramos explicações nas fontes históricas consultadas, mas, somente em 1951 o assunto volta à pauta. Em nota de 6 de agosto de 1951, na Tribuna da Imprensa, anunciou-se que propostas para a construção de prédio para a sede do 3o Distrito Sanitário, no imóvel desapropriado (não se sabe quando) à Rua Silveira Martins, deveriam ser entregues até o dia 28 do mesmo mês, às 15 horas, na Comissão de Concorrência da Secretaria Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal (à Avenida Nilo Peçanha, 26, 10o andar, sala 1011).

Um pouco mais de três anos depois, foi aprovada, num despacho entre o Prefeito Alim Pedro e o Secretário de Saúde, a minuta de contrato para continuação e conclusão das obras de construção da sede do 3o Distrito Sanitário. As obras teriam sido suspensas? Não se sabe ao certo o que ocorreu.



MODERNO DISPENSÁRIO DE LEPROSA — Com a presença do Secretário de Saúde e Assistência, dr. Darcy Monteiro; do Secretário de Educação, dr. Nilo Romero; da presidente da Federação das Associações de Assistência aos Lázaros, d. Eunice Weaver; do Bispo Auxiliar D. Helder Câmara e outras personalidades de destaque, inaugurou-se ontem o Dispensário de Leprosia à [Rua Silveira Martins, 161](#), dirigido pelo médico dr. Miguel Elias Abu-Merhy. D. Helder ministrou a bênção ao dispensário, discursando logo após, para elogiar a instalação do modelar estabelecimento. Falaram também os drs. Darcy Monteiro e Abu-Merhy (foto).

O que se sabe é que, em 13 de junho de 1956, as instalações da sede do 3o Distrito Sanitário, no número 161 da Rua Silveira Martins, no Catete, foram finalmente inauguradas. Segundo nota do jornal “A Noite”, às 10 horas da manhã, em evento de inauguração, estiveram presentes o Prefeito do Distrito Federal, embaixador Francisco Negrão de Lima, e o Secretário Geral de Saúde e Assistência, sr. Darcy Monteiro.

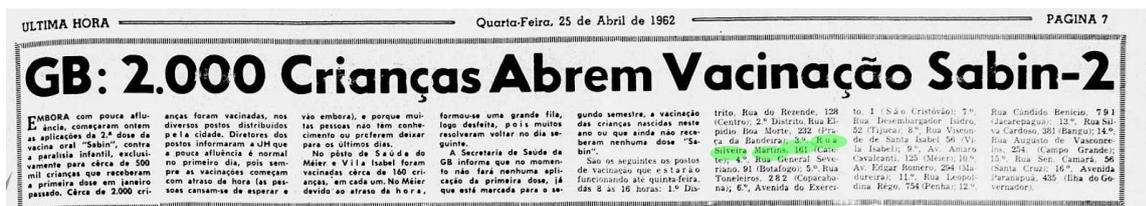
No dia seguinte, o “Diário da Noite” mencionou em nota que a unidade, que eles chamaram de “Posto de Saúde n. 3”, teria diversos serviços, como os de “higiene sanitária, habitações, vacinação, controle de doenças infecto-contagiosas, bem como os ambulatórios de tuberculose, pré-natal, higiene infantil e dentário”. Uma semana depois da inauguração, criaram-se também ali um Instituto de Cardiologia e um Dispensário de “lepra” (atualmente hanseníase) - algo noticiado com destaque pela Imprensa, meses depois (ver notícia abaixo do Diário da Noite - 11/12/1956).

A VOCAÇÃO PARA A VACINAÇÃO

Ao longo de décadas, o então 3o Distrito Sanitário consagrou-se não apenas como unidade de saúde para a atenção básica e para serviços médicos especializados. Foi sobretudo um crucial centro de vacinação, desde os últimos dias do Rio como Distrito Federal, atravessando os 15 anos do Estado da Guanabara.

Importantes campanhas foram realizadas, tendo o 3o Distrito Sanitário como um dos protagonistas. Podemos citar a campanha contra a poliomielite em 1957, com o uso da vacina Salk em crianças. Em 1958, houve novo surto que lotou hospitais, como o Hospital Infantil Jesus, em Vila Isabel. Esforços tiveram que ser intensificados.

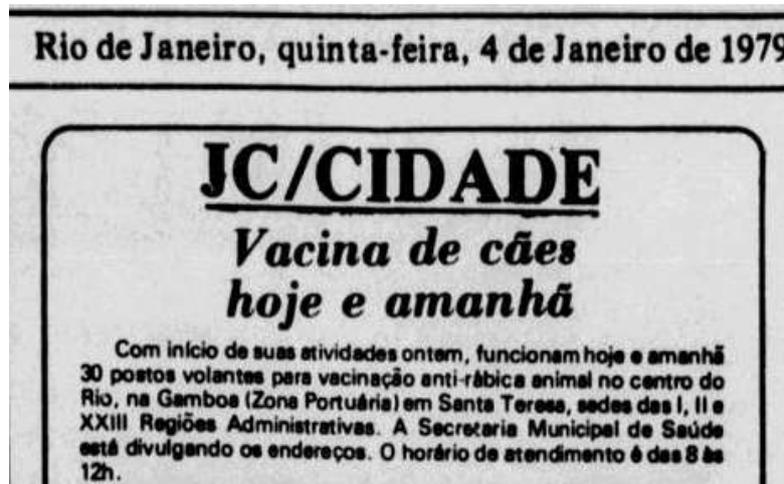
Em 1961, o Estado da Guanabara promove nova campanha contra a paralisia infantil causada pela poliomielite. Desta vez, a vacina é a Sabin, uma novidade que prometia melhores resultados, pois, além de imunizar, impedia a disseminação do vírus (conforme descrito na Imprensa). Em 1962, a Guanabara traz a Sabin-2.



Em 14 de janeiro de 1966, mais uma mudança de nome: o 3o Distrito Sanitário passa a se chamar Centro Médico-Sanitário da IV Região Administrativa, como forma de atualização em relação à divisão do Estado da Guanabara, em XX regiões administrativas feita, em 1963, pelo Governador Carlos Lacerda.

Ao longo do ano de 1969, o CMS da IV RA esforçou-se em diversas frentes sanitárias — na profilaxia do sarampo, na vacinação antitetânica, no tratamento do câncer, de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), na saúde mental, nas doenças de pele e, até mesmo, um serviço que uma matéria do Jornal do Comércio de agosto de 1969 chama de “Pré-nupcial”. Oferecia-se assistência médico-psicológica a casais de noivos, na preparação

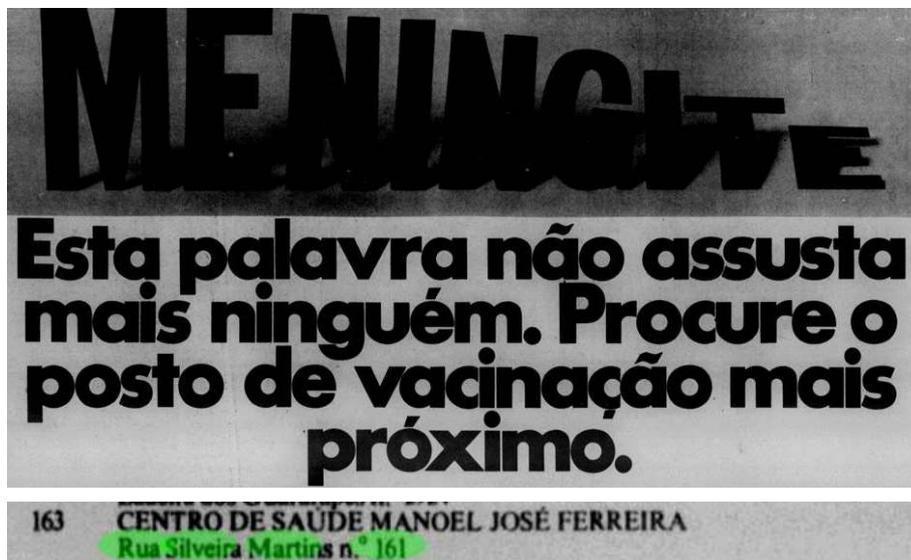
para o casamento, com “orientação sanitária para uma família ajustada e planejamento familiar”.



Em 1979, um serviço para não-humanos: a vacina anti-rábica para cães.

MANOEL JOSÉ FERREIRA EM NOSSOS CORAÇÕES

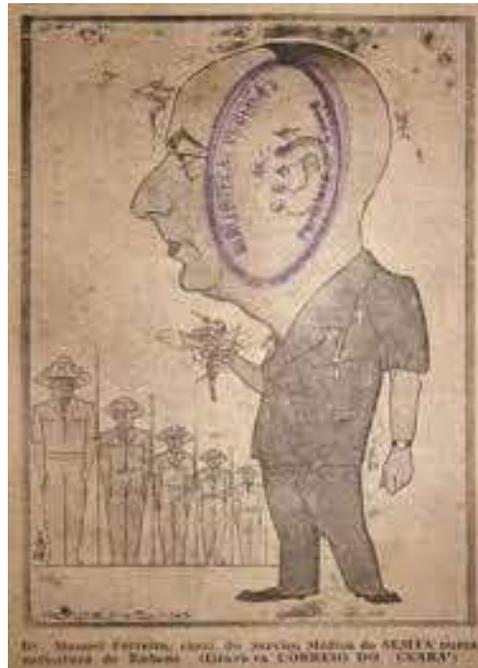
Em 1975, um anúncio da Secretaria Municipal de Saúde da recém criada Prefeitura da Cidade do Rio, após a fusão, indica a alteração do nome da unidade para CMS Manoel José Ferreira.



Para entender o porquê dessa homenagem, basta visitar o currículo impressionante desse notável médico sanitarista, nascido em Petrópolis e graduado em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

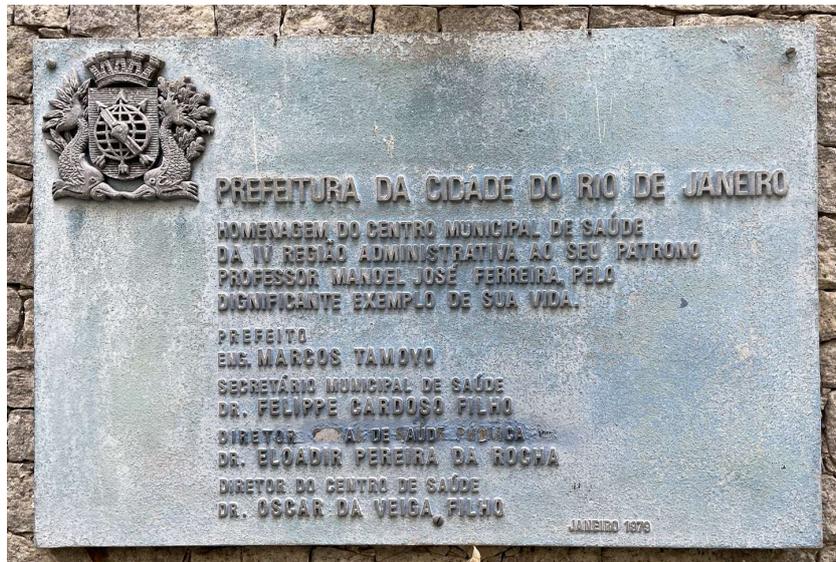
Um dos fundadores da Faculdade Fluminense de Medicina e também seu diretor. Foi Diretor do Departamento de Higiene da Secretaria de Saúde Pública do Estado da Guanabara, Diretor do Serviço de Obras Contra a Malária, Médico do Serviço de Malária do

Nordeste, Diretor do Serviço Nacional de Malária, Fundador e presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), Diretor do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), Membro do Comitê de Especialistas em Malária da OMS.



Manoel José Ferreira no Serviço de Malária do Nordeste, 1939

Com seu falecimento em novembro de 1978, o Prefeito Marcos Tamoyo reiterou o reconhecimento do Dr. Manoel José Ferreira como Patrono dessa unidade de saúde anos antes e, em janeiro de 1979, manda confeccionar placa em sua homenagem, destacando seu dignificante exemplo de vida



Esta placa encontra-se na frente do CMS Manoel José Ferreira

**Pesquisa e redação feita por Daniel Sampaio / SMS*